



REDACÇÃO DO ESPOZENDE

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira Editor—Julio de J. Giesteira Lima Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA Anno, sem estampilha 65000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com estampilha e para fóra 85000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 205000 rs. **ANUNCIOS** Judiciaes: linha ou esp. de linha 80 c. Repetição, 70 c.—Comun. ou reclamaes, linha 25 c. Imposto do sello, cada publicação. 15 c.—Anuncios particulares: linha 50 c. Reclames a obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.

O CAOS

Depois de composto o primeiro artigo subordinado a este titulo publicou a imprensa de Lisboa e Porto o ataque no parlamento do deputado sr. Bartolomeu Severino contra o sr. Abel Dias, chefe da 10.ª Repartição de Instrução, onde estão concentrados, á maneira dum Sobado, quasi todos os negocios da administração de ensino.

O sr. Abel Dias, sendo acusado pelo referido deputado de gravissimos crimes perpetrados em prejuizo dos professores primários pediu uma sindicancia aos seus actos.

Não somos dos que creem demasiadamente em sindicancias, porque o efeito delas, em Portugal, é como o dos duelos, em pendencias de honra, para cuja realização as armas são carregadas de macio papel.

No fim de tudo o sr. Abel Dias pode muito bem ficar na conta dum empregado muito exemplar, muitissimo cumpridor dos seus deveres, com os seus vencimentos pagos em dia, no que primeiro pensa, e os dos seus subordinados com atraso de mezes, a sua casa muito bem arranjada, e as das escolas em ruinas, os seus negocios todos em linha, e os da instrução debaixo da sua direcção todos num estado de completo desleixo e crime.

Pode, é certo, de pequeno tornar-se grande, apesar de que a administração do ensino dependente duma penada de suas olimpicas mãos, desde que foram criadas as simpáticas e democraticas Juntas Escolares, por quem ele não morre de amores como tem dado sobejas provas, essa administração, dizemos, tem sido mais própria dum pais de Mussorongos do que duma República.

Um pálido reflexo do hediondo rosário de tropelias cometidas contra o ensino primário já foi publicado neste jornal, e confirmado no parlamento pelo fogaoso deputado sr. Bartolomeu Severino.

Enquanto é feita a sindicancia, as Juntas Escolares tão guerreadas por essa Repartição e os professores lesados devem com os elementos que tiverem, e que não hão de ser poucos, reforçar as provas de accusação, para que

seja decepada a cabeça da hidra, que ha anos traz a vila e vergonha do professor em mil perigos.

É claro que as juntas Escolares são a—Delenda est de Cathargo—da 10.ª Repartição, como agora esta o deve ser das Juntas e todos os professores.

Está travado o combate. Quem terá a vitória? Roma? Cathargo?

Ficarão em pé as Juntas Escolares, desfinhadas, raquíticas, sugadas pelas circulares, ordens e contra ordens da 10.ª Repartição?

Tomarão elas novo alento ou vida com todas as atribuições que a lei lhes dá, vindo a desempenhar um papel salutar no ensino?

Continuará o caos, a desordem, a confusão na Repartição do sr. Abel Dias, mirrando e mortificando o professor, comprometendo a Republica e prejudicando a nação?

Tornar-se-há mais omnipotente e aristocrata ainda o Sobado do inabalavel Terreiro do Paço?

O caso não parece ser o tétrico parto da affita montanha.

É certo que a accusação foi feita com toda a gravidade, dando origem á sindicancia, que sendo gulada pelos tramites da justiça ha-de encontrar materia abundante para cair por terra a Babilonia maldita.

Esperemos.

CAMINHO DE FERRO

Do ex.º sr. Souza Magalhães, de Lisboa, recebemos ha dias uma carta dando-nos conta dos ultimos trabalhos levados a efeito para o grande melhoramento a realizar da linha ferrêa do Vale do Cavado, os quaes proseguem com muita actividade na melhor disposição de em breve ter uma satisfatoria solução esta justa causa.

Durante as férias parlamentares e aguardando que as Camaras abram para vêr se finalmente se poderá discutir o projecto, tem-se tratado da organização dos corpos gerentes da futura Companhia do Caminho de Ferro do Vale do Cavado, que se constituirá definitivamente logo que o projecto seja aprovado.

Entre os referidos membros dos corpos gerentes foi convi-

dadado o sr. Abel Pereira d'Andrade que aceitou o cargo de advogado consultor da Companhia e que como se sabe é o Presidente do conselho d'administração do Caminho de Ferro de Guimarães.

Entra tambem o engenheiro Enilio Monteverde actual sub-director das Obras Publicas da Beira (Africa Oriental) que solicitou o cargo que foi aceite, de proceder ao traçado e directriz da linha ferrea, auxiliando a construcção e aguarli que lhe telegrafe logo que o projecto seja lei affim de embarcar para Lisboa e vir tomar conta do seu logar.

Por carta do ex.º sr. Dr. Fonseca Lima e pelas demarches realizadas pela Camara de Braga, parece que as coisas se modificaram em beneficio da construcção, e que o ministro do Comercio cederá na parte em que estava renitente—Barcelôs-Braga.

Vê-se portanto que da parte destes cavalheiros não arrefeceu o entusiasmo, trabalhando a valer por este importante melhoramento.

PRINCIPIANDO

UM POUCO DE HISTORIA

sobre um porto do abrigo e uma embrolhada lamentavel

Na margem direita do Cavado, junto da foz deste rio encantador, debruça-se, indolente e vaidosa de si mesmo, uma linda vila, com todo o caracter das povoações minhotas, da ribeira de agua... Muito proximo, separado apenas por assim dizer, por uma magnifica ponte, existe Fão, historica e famosa, porque foi ali que existiu a antiga cidade romana de «Aguas Celenas», hoje sepultada pelas areias do mar, e cuja realidade é affirmada por obras magnificas, como o trabalho de D. Jeronimo C. d'Argote e bem assim pelo «mapa de Portugal», de João Baptista de Castro.

Foi junto dela que fundearam as grandes esquadras romanas que iam á conquista de Braga, até junto da qual havia uma «via militar», de que se encontram ainda vestigios. Nobre de tradições, portanto, é natural, como se está vendo, que Espozende se esforce com Fão, por progredir, principalmente agora que tanto se fala em regionalismo e na descentralização justa e tão necessaria, dentro de certos limites e possibilidades. Com um movimento industrial já importante, cheia de belezas naturaes quasi desconhecidas, milagre da Natureza, pois é campo e praia ao mesmo tempo. Espozende tem, no entanto, sofrido a falta de meios de comunicação directa com os grandes centros, a que tem jus, de direito, por virtude da sua magnifica posição e do seu porto de mar, que, sendo o unico do districto de Braga, podia vir a prestar uma novavel função no descongestionamento da vida economica de todo o Minho. Evidentemente, que era necessario ir aos poucos. Começar pelo principio. E compreendendo isso, os seus

naturaes e os naturaes de toda a região beneficiada por qualquer melhoramento de utilidade publica, pondo de parte, por alguns instantes, a ideia da criação, nos chamamos «Cavalos de Fão», a que me referirei em proximos artigos, dum porto de abrigo que ficaria esplendida, tratavam agora de, auxiliados por um individuo de largas iniciativas, estabelecer uma linha de caminho de Ferro, via reduzida, a ligar Famalicão com Espozende, pelo litoral, e esta vila, pela margem do Cavado, com a laboriosa cidade de Braga, capital do Minho...

Todas as difficuldades estavam vencidas, todos os obstaculos estavam desfeitos, quando, ha dias, me chega da encantadora provincia um clamoroso protesto, indignado, contra duas individualidades que surgem, opondo-se tenazmente á realisacão desse plano de alto interesse para o fomento do paiz, como demonstrei a seu tempo... O mais curioso porém é que, um dos que se opõe tenazmente, é «Nemo» director da «Ejoca», sem ninguem saber o motivo porque o faz... Parece quererem inutilisar as iniciativas para que não foi convidado... Será?

Não se sabe. Unicamente, o visível, o real, o palpavel, é que nessa campanha, é secundado (ou vice-versa) pelo sr. Nuno Simões, illustre ministro do Comercio e das communicações! É extraordinario que um membro do governo pretenda assim contrariar e opôr-se á effectivação duma obra, que só pode dar lucros ao Estado, que cobrará os impostos da exploração e grande incremento á mais bela provincia da Terra Portuguesa, o Minho. Parece que o fundamento para essa opposição, pelo menos o motivo aparente! é a concorrência «possivel» que essa linha de «via reduzida» viria causar aos caminhos-de Ferro do Minho e Douro!

Como se fosse compreensível um argumento desta categoria! Na actualidade não se pode admitir que se proiba a realisacão de qualquer vasta empresa beneficiadora duma região inteira, laboriosa e honesta, a titulo de que poderá vir originar «hipotéticas» percas a um terceiro! Isso representaria a inexistencia do progresso, com toda a tirania suprema de monopolios poderosos. E entretanto, o argumento não colhe. Nem o director da «Epoca», nem o senhor ministro do Comercio e Communicações tem razão! Que pensam um pouco. De todo o Minho se levanta um protesto indignado. Não é justo esquecer, mais, desprezar o interesse sacrossanto dos que trabalham, sacrificando-o a qualquer outro motivo preconcebido. Quando o Estado não faça, é necessario deixar os outros fazer, para graudeza da Patria imortal e affim de que os seus nacionaes tenham uma recompensa, embora pequena, para o seu esforço honesto, vigoroso, fecundo, que vive junto da terra-mater, no trabalho insano e na insana Fé...

Do que me ocorrer a seguir, falarei, todavia, depois...

(Da A CAPITAL) IROMA.

PROSEGUINDO

COMO SE DEMONSTRA A VERDADE

DUM PROVERBIO ESTRANGEIRO FAMOSO

«CHI VÁ PIANO. VA SANDO E VA LONFANO...»

Como tinha já dito, no meu anterior artigo, não era possivel tratar, de uma unica vez, o complexo assunto da concessão do caminho de ferro da Povoia a Braga, por Espozende e Barcelos. De facto, é tão desnoateante por imprevisita toda a série de increveis situações agitadas á volta deste caso, que se torna necessario descreminar, com vagar, o problema, examinando-o em todos os seus aspectos, de uma forma rapida, embora, mas todavia verdadeira e desapaixonada. Ao fazê-lo, tenho

OURIVESARIA SILVA—Grande variedade em objectos artisticos proprios para brindes. **ESPOZENDE**

apenas em vista o alto interesse de uma provincia inteira como é o Minho, que não pode ser vítima dos caprichos ou da má vontade de quem quer que seja... Continuando, pois, nesta ingloria tarefa, vou entrar na análise sintetica de alguns pontos que me parecem interessantes para revelar a inopertunidade dos argumentos opostos á efectivação deste importante melhoramento de *utilidade pública e bem assim regional*. Nemo, que na *Epoca* tem parecido ultimamente o representante official do sr. ministro do Comercio e das Comunicações procura e esforça-se por fazer acreditar o publico, que encara o assunto exclusivamente sob o ponto de vista tecnico, e, para isso, *esquece*, numa lamentavel amnesia, os importantes interesses dos concelhos da beira-mar de uma extraordinaria densidade de população e de grande movimento mesmo agricola e até fabril. Para chegar a certas conclusões, aparece no seu jornal de 28 de março um mapa, que está longe de corresponder á realidade... E o que mais o afflige são os contos de reis a gastar nessa pequena linha de *via rebusida*, tão curta, tão pequena! Seria interessante perguntar se é s. ex.º que pretende mandar no dinheiro dos outros. Que se importa ele com as quantias a dispendir se não lhe pertencem? Evitar uma realização destas, significa asficiar muitos concelhos importantes, um districto, quasi os interesses de uma provincia. Com effeito, sendo Espozende um porto de mar, para que possa desempenhar uma função benéfica, torna-se imprescindível e urgente estabelecer meios rapidos de comunicação com o interior, tornando facil o trafico. No dia em que o caminho de ferro ligasse esta vila com a cidade de Braga, o porto de Espozende, pela propria força das circunstancias, teria de melhorar com o aproveitamento dos *Cavalos de Fão* o porto de abrigo—momentoso problema a que me referirai no proximo artigo. O que é necessario fazer resaltar, porém é como *Nemo* procura, assim, impôr as suas opiniões preconcebidas, até contra o bem publico, servindo-se de pretextos por vezes infantis, que só prestam a quem desconhece o assunto, e tambem como se apressa a defender o sr. ministro do Comercio e das Comunicações, que, identificado com ele, oferece ao nosso espanto o mesmo ponto de vista, discutindo com *excepcional entusiasmo* uma coisa tão insignificante.

Fala o director da *Epoca* em economias—não sei a proposito de que—pois até mesmo a *garantia dos juros* é paga pelos concelhos que pretendem a linha do caminho de ferro, segundo me informam. E o caso é que parece *irritado* este assunto, pois publica um artigo com o significativo titulo «Silencio Impossivel!» Final, sem ninguém saber porque, sem ninguém o chamar, s. ex.º *apareceu*—o que tinha agora a *fazer* era retirar-se, porque o incomodado é que se retira! O que *Nemo* propõe não tem razão de ser—nada iria beneficiar, a não ser o seu criterio vesgo... Não sei discutir com quem, dizendo-se praticante do Evangelho, tem olhos, mas não vê—porque não quer ver... Entretanto, acho que é enigmatica a attitude do sr. ministro. Não é possível admitir que se estrangule de uma tal maneira a vitalidade de uma região laboriosa, procurando impedir o desenvolvimento do unico porto de mar do districto de Braga, agora, que no estrangeiro estão utilizando todos os portos de mar, por mais pequenos que sejam, com utilidade geral para a nação e para o Estado. Isto—sem já pretendermos ver o problema sob o ponto de vista das praias pa a cujo rapido desenvolvimento contribuiria a facilidade dos meios de transporte—principalmente essa maravilhosa e divina praia de *suave mar*...

(Da *Capital*.)

IROMA.

UMA LEI DE PORTOS

Pelo Ministério do Comercio e comunicações vai ser publicada a seguinte portaria:

«Tendo em vista a necessidade de intensificar os trabalhos de conservação e melhoramento dos portos marítimos do continente e ilhas, de maneira a adaptal-os ás necessidades da navegação, do trafego comercial e de pesca, pela applicação criteriosa das importantes receitas já em cobrança, consignadas a este effeito no «Fundo de proteção da marinha mercante e portos nacionaes»; tornando-se da maior conveniencia publicar as disposições que a actual situação reclama, e reunil-as com as já existentes n'um diploma unico, contendo as normas legais que devem regular a administração dos portos, a sua classificação, a construção e exploração das respectivas obras, as questões

de dominio publico marítimo, a acção e jurisdicção dos diferentes órgãos do Estado com interferencia nos serviços costeiros, os direitos e obrigações dos particulares, as certidões e bem assim o processo das concessões e licenças:

Manda o Governo da Republica Portuguesa, pelos ministros das Finanças, Marinha, Comercio e Comunicações, que, com o fim de estudar com a possível brevidade, as bases de uma lei de portos, satisfazendo os objectivos acima indicados, seja constituida uma comissão de que farão parte: engenheiro administrador geral dos Serviços Hidraulicos, José Augusto Ferreira da Silva; engenheiros civis de primeira classe, Raul Miguel de Mendonça e Antonio de Almeida Belo; engenheiro Gervasio Pinto Ferreira Leite, antigo deputado Manoel José da Silva; deputados Jayme de Souza e Torres Garcia, capitães de mar e guerra Jayme Afreixo, Salazar Frago e Ivens Ferraz, capitão de fragata Mendes Norton, capitão-tenente engenheiro construtor Theodoro da Costa, chefe da 1.ª repartição da Alfandega de Lisboa, Vasques Machado, administrador do Porto de Lisboa, dr. Jacintho Simões, professor e bacharel em direito Rocha Saraiya, como representante da marinha nacional José Freitas Ribeiro, e como representante da marinha mercante estrangeira, Luiz d'Orey».

Estamos pois para vêr em breve neste paiz mais uma comissão para estudar e resolver sobre o que ha a fazer relativo aos portos marítimos, não podendo deixar de entrar o de Espozende, para que se torne acessível á navegação.

Não ha duvida que ha muitos anos este jornal vem reclamando dos poderes constituídos a sua attenção para o porto de abrigo em frente a esta vila, que a engenharia portugueza reputa como um dos mais seguros de toda a costa portugueza.

E' provavel que essa comissão que nos parece ser formada de homens conhecedores do assunto, e portanto conscienciosos, estudem a valer a nossa costa encontrando ali o melhor local para com pouco dispendio garantir um porto seguro á navegação mundial que transita nesta costa.

Se assim não acontecer diremos da nossa justiça, e levantaremos bem alto o grito de revolta contra a lei que só se fez para crear logares.

Não queremos só decretos para encher o «Diario do Governo», queremos obras. Basta de ludibrios, haja justiça,

De longes terras...

Quelimane, 1 de Fevereiro de 1924.

E hoje esta carta é de saudade e de luto! Mais um que desertou da fileira dos velhos amigos.

Mais um que lá foi para o seio da Eternidade, buscar o eterno descanso, a viver a vida do Alem, de onde mais se não torna! Meu querido e velho amigo Alfredo Campos, companheiro de tantas boas horas de palestra literaria, de tantos momentos bem passados! Meu saudoso companheiro na comissão

do monumento a Rodrigues Sampaio, como eu sinto o alanciar da saudade pelo teu passamento! Como cá, tão longe doê e punge, a morte de um velho e querido amigo!

E todos devem sentir a morte d'este belo caracter, que se defeitos tinha (e quem os não tem?) eram compensados pela bondade de seu coração, pela amizade aos filhos queridos! E a morte deste amigo, que apesar de não ser de Espozende, tantissimos annos ahí vivera, deve ser sentida por todos os Espozendenses pois elle era um grande e devotado amigo da sua terra adoptiva. Sempre prompto a cooperar em todos os melhoramentos com os seus planos e no seu exforço. Fazia-o por devoção á terra em que nasceram os seus filhos, á terra que elle adaptára como sua fosse.

Que Deus Nosso Senhor, tenha na sua Divina Presença, meu saudoso amigo!

Ao filho querido, o Jorge, que aqui se encontra mourejando a vida do trabalho, já eu apresentei, em palavras amigas, a expressão sentida do meu pesar.

A sua esposa, a seus outros filhos, a expressão da minha saudade e muito em especial a seu genro, o meu querido amigo. Dr. Eduardo Motta, que no seu Brazil natal, colhe os frutos do seu esplendido talento, envia, em um apertado abraço, o meu grande sentir pela morte de seu extremoso sogro.

A FESTA DA ARVORE

Realizou-se com todo o brilho esta festa, no dia 27 do corrente mês, na escola Rodrigues Sampaio, desta vila, com numerosa assistencia de povo, familias distintas, alunos e respectivos professores, sendo plantadas tres oliveiras no recinto da escola.

Esta simpatica e util festa foi iniciada com o canto dos alunos da escola, cujo desempenho foi perfeito, assim como a sua conduta, que nada desmereceu a das festas anteriores, falando alusivamente ao acto o professor sr. João Manoel Mendes, que mais uma vez mostrou o zelo que o caracteriza no desempenho de suas funções, a que se seguiu a sessão presidida pelo talentoso advogado desta vila e digno Presidente do Municipio, ex.º sr. Dr. Alexandre Torres, secretariado pelos ex.ºs srs. Antonio Maria da Costa e Jaime Olimpio, tenentes, respectivamente, do exercito e marinha.

Com palavra eloquente e facil o ex.º sr. Dr. Alexandre Torres expôs o significado da Festa da Arvore e sua utilidade, realçando-a com todo o brilho.

Usou tambem da palavra o professor desta vila, sr. Manoel de Jesus Sousa de Almeida, que agradou muitissimo.

A sessão terminou com as brilhantes recitações dos alunos da escola, Herminio Costa, Amenaide Vilas Boas, Maria Amelia Pinheiro e Maria Luiza de Vasconcelos, que mereceram estrondosas palmas.

A plantação das pequenas arvores recitou o aluno Domingos Gomes de Almeida, que em nada foi menor em brilho que os seus condiscipulos.

E assim terminou esta simpatica festa, merecedora de todo o elogio para todos os seus promotores, que só teem em vista a utilidade publica, incutindo no espirito do povo e das crianças o respeito e amor á arvore, que, como se sabe, é a nossa maior riqueza.

Aos nossos assinantes do Brazil

Prevenimos os nossos assinantes de S. Paulo, (Brazil), para nos remeterem a importancia da sua assinatura em divida por qualquer meio legal, para assim podermos continuar a enviar-lhes o nosso jornal. Prevenimos mesmo que a assinatura é adiantada conforme o estatuido no frontispicio do jornal.

Aos do Rio de Janeiro tambem lhe pedimos a fineza de satisfazerem logo que lhes sejam apresentados os competentes recibos, favor que desde já agradecemos.

CARTA DE FÃO

Suspendeu temporaneamente a sua publicação o quinzenario *Noticias de Fão*.

Embora desconhecamos os motivos que determinaram a sua suspensão, sentimos o facto e fazemos votos porque o *Noticias* successor do *Grulha*—pequeno jornal que alguma coisa marcou já nos meios jornalisticos—reapareça quanto antes, porque o temos na conta de uma necessidade local.

Domingo e segunda-feira de Paschoa, dois dias que sempre foram pelos antigos desta terra outrahora tão nobre, consagrados ao Bom Jesus de Fão, e que agora passou despercebidamente e sem o mais leve sinal de respeito ou amor por essas festas cheias de popularidade...

Apenas saiu, na manhã de domingo, o sagrado Viatico, mas como o cortejo religioso não fôsse acompanhado das pompas do uso e como seria para esperar, tal facto mereceu os reparos de muita gente—e com razão.

Faz pena, na verdade, vêr como são agora cuidadas algumas regalias publicas que nos foram carinhosamente transmitidas, se compararmos o tempo presente com o que já lá val!

Por toda a parte se sente um forte movimento em auxilio das Misericordias portuguesas com o fim de acudir ás tremendas dificuldades financeiras porque passam, na hora presente, estas utilissimas casas de caridade.

Em Fão talvez ainda ninguém atentasse na extrema penuria a que chegou o nosso Hospital-Asilo, pois segundo verificamos pessoalmente, em face dos registos daquela pobre instituição, não há vestigios de all têr dado entrada a esmola mais insignificante!

E não se compreende que sendo Fão uma localidade pretenciosa e rica—mesmo muito rica—e, alem do mais, essencialmente religiosa, a sua gente não desvie um pouco do seu ouro e alguns dos seus affectos em provelto da Misericordia da terra, que é santa tambem por titulo proprio!

Marcam bem a nossa attitude as linhas que, por hoje e de fugida, aqui deixamos escritas sobre este assunto, esperando que elas façam uma impressão profundamente boa no coração dos que nos lêrem.

Outro não é o nosso intento.

(C.)



“MARITIMA,”

NOVA AGENCIA DE PASSAGENS E PASSAPORTES

(Legalmente habilitada e cautionada)

Candido H. Carneiro

Agente official do districto de Braga

RUA DIREITA, 140
Barcelos